

# GRAVIDEZ E A PATERNIDADE PRECOCE VERSUS O SIGNIFICADO DA SEXUALIDADE PARA ALUNOS E PROFESSORES DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE GOIÂNIA.

Marislei Espíndula Brasileiro<sup>1</sup>

Márcia Maria de Oliveira

Moés Costa Asevedo<sup>2</sup>

## RESUMO

**Objetivo:** identificar os significados associados à gravidez, paternidade e sexualidade, para adolescentes com idade entre 10 e 16 anos e professores de Escolas Municipais de Goiânia. **Método:** Foram enviados questionários às 5 Unidades Regionais de Educação, a fim de que estas reenviassem as suas Unidades Educacionais (UE), totalizando 72 participantes. A seguir foram entrevistados 10 adolescentes e 4 professores, após autorização dos mesmos. **Resultados e Discussão:** Após a análise quanti-qualitativa, dos questionários, identificou-se uma incidência de 43% de gravidez na adolescência, com prevalência no turno noturno. Identificou-se também, que os adolescentes revelam não saber o significado de sexualidade; os professores acreditam que sexualidade, é algo mais amplo e ao mesmo tempo, um paradoxo. A camisinha é o método mais conhecido, e a AIDS a doença sexualmente transmissível mais citada. A falta de diálogo com os pais é evidente, revelando a necessidade de uma nova discussão. **Conclusão:** Espera-se com este estudo discutir o papel da escola e da saúde, na prevenção de problemáticas referentes à sexualidade.

**Palavras-chave:** Gravidez, Adolescentes, AIDS, Educação.

---

<sup>1</sup> Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Doutoranda, Docente da FacUNICAMPS. E-mail: marislei@cultura.trd.br

<sup>2</sup> Enfermeiros, especialistas em Unidade de Terapia Intensiva e Nefrologia.

## **1 INTRODUÇÃO**

Apesar da educação sexual para adolescentes ser um tema que muitos acreditam já ter falado e discutido, nos últimos anos têm crescido o número de gestantes na idade entre 10 e 14 anos (IBGE, 2000) revelando que ainda há muito a ser repensado, não somente em relação aos discursos para o gênero feminino, mas também para o masculino.

Os temas mais abordados pela mídia e pela escola, voltados para este grupo, têm sido os métodos contraceptivos, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), não dando ênfase a outros aspectos ligados a sexualidade, tais como amor e o respeito ao desenvolvimento psicoemocional.

Diante disso surgiu um questionamento: quais os significados associados à gravidez e paternidade, em adolescentes com idade entre 10 e 16 anos e professores de Escolas Municipais de Goiânia? Este estudo poderá contribuir com novas reflexões em torno, não somente da gravidez precoce, mas também da paternidade indesejada.

## **2 OBJETIVO**

Este estudo tem por objetivo identificar os significados associados à gravidez e paternidade precoce e sua relação com a sexualidade, em adolescentes com idade entre 10 e 16 anos e professores de Escolas Municipais de Goiânia.

## **3 MATERIAIS E MÉTODO**

Trata-se de um estudo quanti/qualitativo, realizado em 2005 e 2006 na cidade de Goiânia - Goiás, especificamente em 256 escolas municipais desta capital, após a autorização da Secretaria Municipal de Educação e do Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde.

Estudos quantitativos são aqueles que buscam mensurar dados estatísticos e, os qualitativos buscam dados subjetivos, os quais não podem ser quantificáveis, por serem diferentes de pessoa para pessoa (ALVES, 2003).

Os sujeitos foram entrevistados mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido aos responsáveis, após a autorização do Comitê de Ética.

Para a pesquisa qualitativa<sup>1</sup>, foram selecionados professores e alunos de escolas que atendiam aos seguintes critérios: primeiro que responderam ao questionário enviado

e, segundo que durante o ano de 2005, tiveram até 6 casos de maternidade e paternidade precoces, dentre seus alunos.

Os sujeitos da pesquisa foram: 10 adolescentes que estudam nas escolas selecionadas, e 4 professores que aplicam a disciplina de Ciências; somando-os, o total foi de 14 participantes. Foram feitas entrevistas com um roteiro prévio, gravadas mediante autorização dos responsáveis e transcritas na íntegra, para posterior análise.

Para as quais foram enviados questionários com perguntas fechadas (50% das escolas responderam ao questionário), as quais atendem o ciclo II, III e EAJA, isto é, aqueles alunos com idade acima de 10 anos.

A garantia de direito à recusa dos participantes voluntários, e de seus responsáveis, foi efetivado por meio de, um termo de consentimento livre, esclarecido e entregue aos pais dos adolescentes, antes da entrevista, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A amostra dos dados coletados pela pesquisa quantitativa, mostrou que das 145 escolas que foram enviados questionários, 50% (gráfico I, p.20) responderam a todas as questões, colaborando assim, para elaborar uma forma mais efetiva de alcançar o principal objetivo da educação e saúde, que é a prevenção primária. Após a análise estatística dos gráficos identificou-se que houve, um percentual de 43% de escolas com até 6 casos de gravidez na adolescência e, 33% com até 6 casos de paternidade na adolescência e, de que 73% dos professores gostariam de participar de uma oficina sobre educação sexual. Além disso, houve prevalência de casos de gravidez e paternidade precoces, no período noturno.

Esta realidade não é diferente dos dados encontrados pelo Ministério da Saúde, na cidade de Goiânia o número de nascidos vivos, de mães com média de idade entre 10 a 14 anos, teve aumento significativo; foi aumentando de 0,5% do ano de 1999, para 0,6% até o ano de 2002 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). São dados que levam a refletir sobre a eficiência dos métodos, utilizados pelas escolas para alcançar, os adolescentes, e de esclarecer suas dúvidas, a respeito da sexualidade. Ainda segundo dados, desde 1980 o número de adolescentes grávidas entre 15 e 19 anos aumentou 15%<sup>7</sup>. Isso significa que são cerca de 750 mil meninas se tornando mães, a cada ano no Brasil. Nas escolas municipais de Goiânia, 43% das escolas que participaram do estudo, apresentaram

alunas grávidas, e 33% das escolas que participaram do mesmo estudo, apresentaram casos de meninos que se tornaram pais antes dos 16 anos.

Após a análise quantitativa dos questionários enviados as Unidades de Educacionais, procedeu-se a leitura vertical e horizontal, das falas dos participantes entrevistados.

**a) Desconhecimento: uma das causas da gravidez.**

Uma das causas da gravidez na adolescência é a desinformação, a maioria dos estudos disponível aponta para uma relação, entre maternidade e nível de escolaridade: quanto menor o nível de instrução, maior a probabilidade de a adolescente engravidar e ter a criança. Essa relação é constante em todas as faixas etárias (COSTA, 1994), ainda vários fatores, além do desconhecimento e do risco de erro dos próprios anticoncepcionais, contribuem para aumentar a probabilidade de gravidez indesejada na adolescência, muitas vezes os adolescentes não têm conhecimento de seu próprio corpo, ou mesmo acesso a informações corretas sobre o assunto em questão. Ainda há aquelas que engravidam com a ilusão de se casar ou “segurar” seu parceiro. De acordo com a pesquisa realizada, as escolas mostraram que o número de alunas gestantes é considerável, sendo que durante este período as escolas apresentaram o seguinte percentual: 56% nenhum caso, 43% até 06 casos, e 1% até 10 casos (gráfico II). Ainda segundo a pesquisa, foi possível perceber que houve um número menor de casos de paternidade se comparado aos casos de maternidade: em 67% das escolas não houve nenhum caso, 33% até 6 casos, e até 10 casos 0% (gráfico III, p.20), informações semelhantes a da pesquisa realizada sobre o uso de contracepção, por adolescentes de escolas públicas na Bahia, e que chamou a atenção para 18,1% de casos de maternidade contra 6,4% de casos de paternidade (ALMEIDA, 2009). Ainda relacionado com a experiência de ser pai na adolescência, tem a definição de ser um acidente catastrófico,<sup>11</sup> já que nenhum adolescente sendo do sexo feminino ou masculino está preparado, ou que realmente queira ser pai ou mãe nesta fase, de grandes mudanças e contradições. É também importante destacar, que a taxa de fecundidade no Brasil vem diminuindo, porém esta redução não foi considerável nas mulheres de 10 a 19 anos, segundo dados do (PNDS/96); nessa faixa de idade, passou de 18,9%, em 1993, para 21,6% em 1996. Ainda, segundo dados do SUS, têm aumentado o percentual de partos em adolescentes de 10 a 14 anos, em intervalos de tempo relativamente curto: em 1993, dos 2.856.255 partos realizados no SUS, 0,93% aconteceram na faixa de 10 aos 14 anos; em 1997, a ocorrência foi 1,23% (MINISTÉRIO DA SAÚDE), um número preocupante para um país que tem grande parte da população constituída por crianças e adolescentes.

**b) O turno que houve maior frequência de casos de gravidez e paternidade.**

O turno que mostrou maior frequência de casos de gravidez na adolescência foi, o turno noturno. Foi distribuído da seguinte forma o percentual por turno: 17% de casos de gravidez no turno matutino, 4% no turno vespertino, um índice preocupante pela pouca idade dos estudantes deste turno, e 79% no período noturno (gráfico IV, p.20) um índice bastante alto, talvez relacionado ao perfil dos estudantes deste período, que na sua maioria trabalham para complementar a renda familiar.

Segundo estudo realizado pôde-se identificar o perfil destes alunos pela pesquisa realizada, com o objetivo de identificar as conseqüências da inserção de jovens no mercado de trabalho, e segundo a pesquisa, a única opção que se apresenta ao adolescente trabalhador é, o ensino noturno. Esse aluno vem marcado, pelas dificuldades provenientes do cansaço, do sono, conseqüentemente da pouca concentração e da falta de tempo para estudar (OLIVEIRA, 2009) e, ainda conforme o resultado de outra pesquisa, os estudantes do noturno, que trabalham ou buscam trabalho, tem menor poder aquisitivo e, que muitos não tem tempo de estudar; essa outra pesquisa declara também, que este grupo de alunos é mais maduro e interessado que os do diurno, porque eles não querem perder tempo. São alunos que tem interesse, mas vem cansados (KRAWCZYK, 2006).

O adolescente inserido no mercado de trabalho, tem um amadurecimento precoce e, convive com pessoas de idade maior e mais experiente, fato que pode contribuir para aflorar a sua sexualidade, e ainda, se houver a desinformação a respeito dos métodos anticoncepcionais e da falta de conhecimento de seu corpo, como já questionado anteriormente, este desconhecimento contribui para um número maior de incidência, de gravidez precoce na fase adolescente; sendo assim cabe à escola e à saúde o papel de apoiar os jovens, na busca de conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, e de também expor a estes adolescentes, os métodos mais adequados para sua faixa de idade, e com esta ação contribuir para diminuição de incidência, de casos, de maternidade e paternidade na adolescência.

**c) Eu não sei o significado de Sexualidade**

Os 10 adolescentes entrevistados têm idade entre 14 e 17 anos, todos do período noturno; os 4 professores entrevistados são também do noturno e concordaram em participar do estudo. Ao se questionar, aos adolescentes e aos professores, sobre o significado de sexualidade, a maioria dos adolescentes responderam que, não sabem o significado de sexualidade, e os professores, acreditaram em ser algo mais amplo, tudo isto é possível se observar, na análise á seguir.

(E1) “Não dá para pular esta pergunta, eu não sei”,

(E3) “Eu não sei não”, enquanto os outros entrevistados mostraram pouco conhecimento, conforme os depoimentos:

(E2) “É um negócio muito sério, as pessoas não se preocupa com nada, elas só querem ficar por ficar.”

(E4) “Responsabilidade, tem de saber sobre as doenças sexualmente transmissíveis.”

(E5) “Eu acho que é amor, sei lá! Não sei.”

(E6) “Eu acho que é sexo”.

Com os depoimentos dos adolescentes, pode-se verificar a importância de abordar este assunto já que os mesmos demonstram, que pouco entende sobre sexualidade.

Provavelmente, os adolescentes e crianças se deparam com situações relacionadas à sexualidade em qualquer local, na rua, na televisão, no lar, é uma amplitude de informações que chegam até eles de forma variada, às vezes de forma certa, às vezes errada.

É, com o intuito de evitar estresses futuros causados pela gravidez na adolescência, e doenças sexualmente transmissíveis, que a escola junto com os programas de saúde pode oferecer um suporte para que futuramente estes adolescentes possam ter um planejamento familiar adequado (BRASILEIRO, 2000), situação essa associada aos serviços de promoção da saúde, responsabilidade do Enfermeiro.

#### **d) Sexualidade é algo mais amplo**

A fim de compreender o pouco conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade, mesmo com tantas informações que são acessíveis, entrevistamos também os educadores, quando se trata de educação sexual, portanto, não vale a pena falar, apenas do que se ensina, como se ensina, mas também de quem ensina (TIBA, 2005), questionamos então, os educadores sobre o significado da sexualidade e obtivemos as falas seguintes:

(P1) “É muito mais amplo do que o corpo humano, é a dimensão humana da natureza, que tem de ser encarada com naturalidade, não no sentido de repreender ou se sentir repreendido”.

(P2) “Na minha opinião, não é só sexo, é desde o início, a parte fetal até os finalmente.”

(P3) “A sexualidade é, o que demonstra sobre seu sentido de vida, o prazer de viver em todos os sentidos, é um reflexo de todo o contexto de vida, como você se situa diante da vida, em todas as situações.”

(P4) “Quando se fala em sexualidade, a primeira coisa que vem na cabeça do adolescente é sexo, mas tem vários aspectos, tem a questão do relacionamento a dois, do respeito, da sensualidade e da felicidade.”

Mediante o depoimento dos educadores, podemos identificar que sua visão vai além da anatomia do corpo humano, é uma visão humanizada, e diante desta descoberta, entendemos que as escolas podem transmitir o verdadeiro significado da sexualidade, porém para ter um bom relacionamento entre professor e aluno, é necessário que haja confiança, é preciso por parte do educador, ter um interesse verdadeiro e saber escutar os adolescentes sem coibir, para que estes se soltem e manifestem suas dúvidas quebrando preconceitos.

#### **e) Sexualidade na sala de aula um paradoxo**

A dimensão em torno da sexualidade é de certo modo até cultural, e a estrutura familiar pode interferir, assim como as sociais, nas ações e reações de cada jovem, as aulas podem ou não influenciar esses adolescentes, eles podem ou não empregar o conteúdo, aplicando em seu cotidiano. Percebemos que a gravidez afeta não só o adolescente, mas também o educador, pois muitos sentem impotência mediante a conduta dos adolescentes, impotência esta declarada na fala do sujeito:

(P1) “Hoje em dia mesmo, eu trabalho com orientação sexual, mas eu trabalho de certa forma com descrédito, porque as experiências que eu já tive, com meus alunos, ...teve uma época que eu trabalhei tanto isso, que ai quando chegou o final do ano, assim, cada sala tinha menina grávida, e aquilo dentro de mim parecia que tudo que eu tinha feito tava desperdiçado.”

Durante o decorrer das entrevistas perguntamos aos adolescentes, quais eram as maiores dúvidas referentes ao tema discutido, para tentar compreender o aumento de adolescentes grávidas, e se eles gostariam de ter uma matéria específica sobre educação sexual; percebemos que todos mostraram grande interesse em se ter, uma aula direcionada e específica sobre a educação sexual, ficando explícito na afirmativa do entrevistado.

(E2) “Toda escola deve ter algo assim, pra orientar, pra explicar. E logo! É que ta tendo muita gravidez na adolescência, e nossa, é assim um negócio muito complicado.” Perguntamos também, se já haviam tido na escola alguma palestra sobre orientação sexual, as respostas foram positivas segundo:

(E1) “Já, achei muito bom, né? Eles orientavam as pessoas e dava explicações, mais incentivo pra evitar a gravidez”

(E4) “Já, é interessante se tivesse de novo eu iria.”

Através das respostas obtidas, podemos identificar que os adolescentes realmente se interessam pelo tema sexualidade, mas mesmo buscando sanar suas dúvidas, eles ainda encontram dificuldades para “digerir” estas informações, que julga-se ser da maior importância, para que haja uma diminuição na incidência de casos de gravidez.

#### **f) Camisinha o método mais conhecido**

A análise do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, na maioria dos estudos disponíveis, é feita de maneira muito subjetiva, não incluindo o modo de usar os efeitos colaterais, as indicações e contra indicações dos mesmos (MARTINS, 2009).

Os adolescentes quando questionados sobre o assunto, métodos contraceptivos, observa-se que seu conhecimento ainda está deficiente, verifica-se através das falas, que todos conhecem pelo menos um método anticoncepcional, e que o mais conhecido é a camisinha, porém não têm acesso às informações sobre a forma correta de usar, em contrapartida o conhecimento destes métodos anticoncepcionais, não seria garantia de uso entre os adolescentes que mantêm relação sexual, por isso uma abordagem mais ampla, sobre o uso de métodos anticoncepcionais nas escolas, deve ser analisada.

(E1) “Só conheço a camisinha”.

(E3) “Poucos, eu uso só camisinha sempre, é só”.

(E4) “Não tomo anticoncepcionais eu só uso camisinha”.

(E5) “Pílulas, que eu me lembro é só esse, que eu to lembrada”.

(E10) “A camisinha eu sei”.

#### **g) Aids a doença sexualmente transmissível mais conhecida**

Quanto às doenças sexualmente transmissíveis, observa-se que os adolescentes têm dúvidas variadas, e que à maioria deles, não sabem o modo de contágio, e só conhecem as mais comuns, como a AIDS:

(E4) “Algumas, só, por exemplo a Aids, a gonorréia, aquela que eu vi na palestra, crista de galo, mais ou menos assim”.

(E6) “Aids, né, só essa mesmo” .

(E7) “A Aids, a gonorréia, também uma que eu não sei falar, mas acho que é sífilis”.

Novamente apontando, que o assunto sexualidade não deve ser deixado de lado, pois dados divulgados pelo Ministério da Saúde, no ano de 2005, expõem que desde 1998, até meados de 2004, foram notificados 1427 novos casos de Aids entre adolescentes do sexo masculino, e 1760 entre adolescentes do sexo feminino,<sup>8</sup> ainda houve, o crescimento de casos de Aids em mulheres, sendo a proporção de 15 casos para 100 mil mulheres, com tendência de estabilidade entre aquelas de 15 a 24 anos com crescimento em todas as faixas etárias. Por esse motivo que a área da saúde, principalmente a pública deve entrar, com o intuito de unir laços com a escola, e dividir esta responsabilidade, um projeto de orientação sexual para a escola, garantindo aulas semanais aos alunos, é a condição necessária, para possibilitar aos adolescentes, a reflexão, e a elaboração das vivências de educação sexual que recebem (TIBA, 2005). Os educadores devem procurar fornecer aos adolescentes de forma adequada, estas informações que eles não encontram em seu lar, e buscar meios e formas de contribuir para o melhor esclarecimento das dúvidas dos adolescentes.

O interesse do educador, a criação de programas voltados para a educação sexual, são de grande importância, se for baseado no crescimento de números de casos de Aids e doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes e, no pouco conhecimento sobre sexualidade, pelos mesmos, apresentado neste estudo.

A orientação sexual se torna necessária, portanto, para divulgar o conceito sexualidade saudável, para que o adolescente possa ter, uma visão proveitosa sobre este assunto, se valorizando, expondo suas dúvidas, e principalmente se respeitando.

#### **h) O interesse dos educadores em abordar o tema sexualidade em sala de aula.**

Percebemos este interesse, quando perguntamos aos educadores sobre onde eles buscavam informações, para abordar o tema em sala de aula:

(P1) “Montei um acervo de textos, que a gente lia e outros professores indicavam, quando tem algum assunto específico busco em internet, na Faculdade de Educação na UFG, tem um centro chamado FUNDEC, ele dá muito apoio pra gente, de quando em quando eu pego um kit de métodos anticoncepcionais, tem todos os métodos, aí as meninas recebem uma aula sobre esses métodos.”

(P3) “Olho a necessidade de cada grupo, mas busco na minha própria informação, eu fiz um curso sobre educação sexual na instituição Carlos Chagas, depois fiz uma atualização, cursos e mais cursos, até mesmo pela Secretaria Municipal de Educação”.

Talvez isso explique o grande número de educadores, através da análise quantitativa, que se interessou em oficinas sobre educação sexual, pois 73% gostariam

de participar das oficinas, 22% não participariam e 5% não responderam (gráfico V); não há dúvida alguma de que a escola desempenha uma função, na educação sexual de seus alunos. O grande problema é que os representantes diretos entre os jovens, os professores, nem sempre se dão conta disso, em suas ações individuais, ou coletivas.<sup>2</sup>

Dos educadores que mostraram interesse em freqüentar oficinas com temas direcionados para educação sexual, a maioria optou pelo turno vespertino (70%), levando-se em consideração que o índice maior de casos de gravidez foi no turno noturno, os educadores com disponibilidade para as oficinas no turno noturno foi de 16%, com disponibilidade para as oficinas no turno matutino foi 14% (gráfico VI). As oficinas são métodos que colaboram com o educador, sistematizando ações pedagógicas e ajudando-o na dinâmica das aulas, na orientação sexual, o prazer, o amor, o respeito, o convívio com a diferença, a saúde, a solidariedade, o combate aos preconceitos e, as discussões de valores, são caminhos para chegar à prevenção da gravidez não desejada, do abuso sexual e, das DST/Aids (RIBEIRO, 1999).

É por esse motivo que as oficinas são importantes para que, professores saibam administrar aulas sem que haja preconceitos e, com imparcialidade em assuntos polêmicos tais como: aborto, homossexualidade e gravidez precoce. O medo, a omissão, a fuga, o desconhecimento e o preconceito, por parte dos educadores, são causas que contribuem para maiores casos de incidência, das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência.

Com a pesquisa realizada, foi possível identificar que, a maioria das escolas está com previsão para implantação de aulas sobre Educação Sexual, porque na sua maioria (75%), das 72 escolas que enviaram o questionário já têm previsão, só 21% não têm previsão e 4% está em planejamento (gráfico VII). A sexualidade é um assunto que diz respeito ao ser humano; é natural, porém muitas vezes se torna um “calo” para o educador, pois muitos acham que estão preparados para dar uma orientação, que possa esclarecer todas as dúvidas dos adolescentes, mas quando são interpelados sobre algum assunto polêmico, acabam “tropeçando” em seu preconceito; poderíamos pensar que lendo publicações nos sentiríamos preparados, para enfrentar os desafios de ser abordados por nossos alunos, filhos ou quem quer que seja, porém esta é uma ilusão, pois na literatura não diz a hora certa, o jeito certo, e o lugar certo, para acontecer o ato sexual, por isso é necessário incluir aulas de orientação sexual no currículo das escolas fundamental e médio. Mas, o que pode estar causando a resistência de 21% das escolas, em dar aulas sobre educação sexual? Uma pergunta que fica solta no ar, pois pelos

dados que já foram expostos, há uma grande necessidade de se, falar, debater e de ensinar, mais sobre a sexualidade aos adolescentes.

### **i) Não há diálogos sobre sexo com os pais**

Falar sobre sexo com adolescentes é tarefa difícil, porém nos tempos de hoje é uma necessidade, já que o sexo é bem divulgado na mídia; os pais devem ter consciência de que o melhor lugar para se dar uma boa orientação, é no lar. Falando a verdade de uma forma que, somente os pais podem expressar, os pais passam informações e valores sobre sexualidade o tempo todo, mesmo que não falem nisso (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Os pais podem estar alheios à vida sexual que seu filho leva, por esse motivo, às vezes a educação sexual no lar seja prejudicada, com a meta de corrigir o que o adolescente não tem em casa, é que a escola e a saúde, podem entrar dando suporte.

O ambiente familiar é o que mais tem influenciado, para determinar o caráter do jovem, e tem como papel diante da sociedade ajudá-lo, a buscar sua vocação profissional, e identidade sexual. Este jovem pode ter ou não a influência de alguém do ambiente familiar, já que este passa por uma transformação, e procura por um modelo.

O diálogo no lar deve ser, de uma forma clara e sem mentiras, pois a família exerce um papel de formação moral, preparando o adolescente para viver em sociedade. Os pais podem, e devem manter o hábito de conversar com o filho com autoridade, mas sem autoritarismo, porque este filho, desde pequeno, tem que se sentir seguro para questionar, qualquer assunto de forma saudável e tranqüila (BRASILEIRO, 2000). A escola deve, contribuir corrigindo, e orientando de forma didática, na formação sexual. Os pais devem ainda por sua vez, oferecer compreensão e amor, pois o bem estar da relação depende da intensidade do amor; pais bem orientados compreendem os seus filhos, e sabem buscar ajuda quando sentem que não estão suprimindo a necessidade, de seus filhos.

Diante dos pais, os adolescentes sentem-se envergonhados para falar ou mesmo comentar suas dúvidas, sobre assuntos relacionados à sexualidade, dúvidas estas que são sobre diversos aspectos. Nas falas dos sujeitos entrevistados, nos deparamos com fato de que; sobre o assunto sexualidade pouco se fala dentro do lar, e que os adolescentes buscam informações em lugares diversos: em livros, com os amigos, esposos, namorados, internet, e quase nunca, com os pais ou educadores; isso pode ser observado nas falas seguintes:

(E1) “Busco em livros, em diálogos com meu esposo e com várias pessoas, eu não tive orientação dos meus pais, eu não tive orientação das minhas irmãs mais velhas.”

(E2) “Não, não tenho diálogo, com meus pais”.

(E3) “Eu procuro mais com meus amigos, eu nunca falei com minha mãe sobre isso, e nem com o professor também, já fui em posto de saúde, na outra escola que eu estudava, eles passaram um trabalho sobre sexo, ai eu fui no postim, buscar informação.”

(E4) “Internet, pergunto pessoas mais velhas falo mais com amigas, é mais fácil né?”

Os jovens hoje têm muitas informações, que às vezes nem é necessário sair de casa para se obter tais formações sobre sexualidade, a internet pode lhe dar informações, sejam boas ou ruins (OLIVEIRA, 2009). A escola e família, ambas apoiadas pela área da saúde, pode passar apenas boas informações, dividindo em parcelas a boa orientação e educação sexual para adolescentes, em questões de sexualidade, um bom papo vale mais que, a aula do mais douto professor, quando os pais acreditam que podem transferir totalmente essa tarefa para a escola, perdem boa oportunidade de aumentar sua intimidade, com os filhos, e quando a escola acredita que é de sua competência assumir inteiramente essa responsabilidade, cai numa cilada de onipotência, que só pode levar à frustração.

Sendo assim, a educação sexual ainda é um assunto que pode, e deve ser discutido, analisado, é, e sempre será, um assunto que envolve aspectos morais, sociais e psicológicos, e levando-se em consideração o conhecimento que o jovem apresenta sobre a sexualidade, pode-se traçar estratégias nas instituições escolares, em conjunto com instituições de saúde, para poder oferecer uma melhor orientação, aos adolescentes.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado, objetivou identificar incidências de casos de gravidez e paternidade em adolescentes com idade, entre 10 e 16 anos, demonstrou que há um número significativo, de casos de gravidez e paternidade na adolescência. Das 72 escolas participantes do estudo, o número de alunas grávidas com até 6 casos foi de 43%, e de paternidade 33% até 6 casos. O turno em que há prevalência de casos de gravidez é o turno noturno, com 79% dos casos. Identificou 43% de Unidades Educacionais com até 6 casos de alunas grávidas com idade, entre 10 e 16 anos, no ano de 2005. Por outro lado o número de escolas que apresentaram até 6 casos de alunos com idade, entre 10 e 16 anos, que se tornaram pais no ano de 2005, foi de 33%. Portanto, o número de meninas grávidas foi maior que, o número de meninos que se tornaram pais. Por outro lado, se

tornar pai antes dos 16 anos é algo a ser questionado. Apesar dos índices preocupantes, 73% das escolas responderam sim, à participação em oficinas sobre educação sexual, opção vinda em sua maioria, pelo turno vespertino. Identificou-se também que 75% das escolas têm previsão de implantar, e suplementar a educação sexual, no PPP da escola.

Para os entrevistados, o método mais conhecido é a camisinha, e a AIDS a doença mais citada. Um resultado preocupante é que segundo os adolescentes entrevistados, não há diálogo sobre sexo com seus pais, nem com seus professores. Acredita-se que o papel do educador não é preservar valores, já que o sexo está sendo divulgado, e discutido em todos os programas voltados para adolescentes, mas de contribuir para a formação do caráter sexual do adolescente com vistas ao futuro. Sendo assim o maior desafio para o educador, é preparar e colaborar para moldar uma personalidade em desenvolvimento, já que a sexualidade ocorre, em todas as fases da vida do indivíduo, o conhecimento acerca da sexualidade é a condição necessária para educar com equilíbrio e segurança, gerando a autoridade natural exigida. Desta forma percebe-se, que o conhecimento gera confiança de ambas as partes, e partindo do conceito conhecimento e respeito os educadores, e também os pais, estarão aptos a desenvolver uma orientação sobre a hora certa, para se ter um relacionamento sexual sadio, utilizando todos os métodos disponíveis para evitar decepções futuras, por isso à educação sexual é de grande importância, pois há aqueles adolescentes que não conhecem, nem mesmo a anatomia de seu corpo, e mostram um conhecimento escasso sobre o assunto.

O grande número de gravidez em adolescentes, nos faz repensar sobre muitos aspectos voltados à educação sexual.

Através dos dados deste estudo, verifica-se que, os adolescentes têm um conhecimento escasso sobre os diversos assuntos voltados a este tema, escassez que pode estar contribuindo para o aumento de gravidez e paternidade na adolescência.

Provavelmente, este estudo poderá contribuir para que educadores e profissionais da saúde, principalmente os enfermeiros, possam fazer uma nova análise sobre os programas de capacitação, voltados para a saúde da criança e do adolescente, buscando, desta maneira repensar novos discursos, que abordem o tema prevenção à gestação na adolescência, de maneiras específicas para o gênero masculino, e para o feminino.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de et al . Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 5, out. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acessos em 17 dez. 2009.

ALVES, Magda. *Como escrever teses e monografias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

AQUINO, J.G, org. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sumos Editorial, 1997. 143p.

BRASILEIRO, E; Brasileiro M. *O sexo nosso de cada dia*. Goiânia-Go: AB editora, 2000. 114p.

COSTA, M. *Amor e sexualidade: A resolução dos preconceitos*. São Paulo: Gente editora, 1994. 225p.

IBGE Estatística da população [on line] 2000. Disponível em: URL:<http://www.ibge.gov/home/estatisticapopulação/trabalhorendimento/pnda98/saúde/default.shtm>.

KRAWCZYK, N. Secondary school: a space without consensus. *Rev. Saúde Pública* [periódico on line]; 2003 [acesso 27 de julho de 2006]; (120): [169-202 páginas]. Disponível em: URL: [URL:http://www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php).

MARTINS, Laura B Motta et al . Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 1, fev. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acessos em 17 dez. 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS [home page na internet] Brasília:Ministério da Saúde:[acesso 10 out. 2006]. Disponível em: URL: <http://www.saúde.ba.gov.br/noticia.asp>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS [on line]; Brasília: Ministério da Saúde; [06 agosto 01] Nascimentos–Município de Goiânia. [acesso 08 ago. 2006]. Disponível em: URL:<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb/2004.matrizt.htm>.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, maio 2001 . Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>> . Acessos em 17 dez. 2009.

RIBEIRO, M. org. *O prazer e o pensar: Orientação sexual para educadores e profissionais de saúde vol.1* . São Paulo: Gente: 1999. 355p.

TIBA, I. Adolescentes: *Quem Ama Educa*. São Paulo-SP: Integrar editora, 2005.301p.

## GRÁFICOS



